



Fundado a 1 de Junho de 1932 por Carlos das Dores Marques e Manuel António Engana | **Propriedade** de CIMBAL | Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo | **Presidente do Conselho Intermunicipal** António José Brito | **Edição, direção e redação** Praceta Rainha D. Leonor, 1 – 7800-431 BEJA | **Telefone** 284 310 165 | **E-mail** jornal@diariodoalentejo.pt | **Publicidade** 284 310 164 / publicidade@diariodoalentejo.pt | **Assinaturas** 284 310 164 / assinaturas@diariodoalentejo.pt | **Assinatura anual** País: 46,00€ Europa: 58,00€ Resto do Mundo: 79,00€ Assinatura digital: 15,00€ | **Diretor** Marco Monteiro Cândido (CP8262) | **Redação** José Serrano (CP3019A), Nélia Pedrosa (CP2437A) | **Fotografia** Ricardo Zambujo (CP8802) | **Cartoons e ilustração** António Paizana, Paulo Monteiro, Pedro Emanuel Santos, Susa Monteiro | **Desporto** Firmino Paixão | **Colunistas e colaboradores** Ana Filipa Sousa de Sousa, António Nobre, Francisco Marques, Geadá de Sousa, José d'Encarnação, Jorge Feio, José Saúde, Júlia Serrão, Luís Godinho, Luís Miguel Ricardo, Nê Esparteiro, Vitor Encarnação | **Opinião** Ana Matos Pires, Ana Paula Figueira, Hugo Cunha Lança, Luís Covas Lima, João Mário Caldeira, Manuel António do Rosário, Manuel Maria Barroso, Mário Beja Santos, Martinho Marques, Rui Marreiros, Santiago Macias | **Publicidade e assinaturas** Ana Neves | **Paginação** Aurora Correia e Cláudia Serafim | **Projecto gráfico** Conversa Trocada, Design e Comunicação (conversatrocada@gmail.com) | **Depósito Legal** 29738/89 | **Registo da publicação na ERC:** 127811 | **ISSN** 1646-9232 | **Nº de Pessoa Colectiva** 509 761 534 | **Tiragem semanal** 6000 Exemplares | **Impressão** Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, n.º 50 – Morelena, 2715-028 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP - Distribuição e Logística, S.A. | **Endereçamento e envio postal** TransLista

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNÇÃO

Casas velhas As casas velhas vão morrendo devagarinho, às vezes sozinhas, às vezes lado a lado, às vezes ruas inteiras. As casas precisam de pessoas, sem pessoas dentro delas as casas são sepulturas verticais à beira dos passeios. As pessoas são os filhos das casas, quando eles partem as casas choram em silêncio. Nada é mais triste do que ver uma casa a extinguir-se, a perder a pele e a carne das paredes, os ossos dos pilares à mostra, as janelas cegas, as portas mudas, os quartos frios, a cozinha morta, o quintal moribundo. Tiraram as camas, tiraram as vozes, tiraram os passos, só o silêncio e o pó vivem nas casas velhas, tudo o resto feneceu. As pessoas deixaram a casa para trás, a casa tornou-se pequena, demasiado fria, ou demasiado quente, ou demasiado simples, ou demasiado longe. O carteiro deixou de ir àquela casa sozinha, àquelas lado a lado, a ruas inteiras, já não mora

lá ninguém, as pessoas foram-se embora, abandonaram a sua mãe de taipa. Às vezes morrem sozinhas com uma tabuleta cravada no peito, baixinhas, definhando, apertadas entre duas moradias novas, ali ficam presas, mortizas, esfoladas, destoando da brancura e das barras azuis, das luzidas portas de alumínio, dos aparelhos de ar condicionado. Às vezes morrem lado a lado, partilhando mágoas, partilhando telhas partidas, partilhando memórias de filhos que não querem saber delas. Encostam-se uma à outra, quando caírem caem para dentro uma da outra, assim aproveitam para não morrerem sozinhas. Às vezes morrem ruas inteiras de casas, de uma ponta à outra, de um lado e do outro, de onde quer que se venha só se sente desconsolo, para onde quer que se olhe só se vê solidão. Muitas casas velhas juntas é o nome coletivo de solidão.